



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Naciel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 305 (50 reis); Semestre 530 (300 reis); Um ano 860 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso 301 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone, 737

Sejamos nós mesmos!

Nesta hora trágica, a ninguém queríamos censurar coisa alguma, pois seria absurdo denunciar a inconseqüência deste ou daquele individuo, quando nem sequer se esboçou uma resistência colectiva. A corrente belicosa, teria implacavelmente varrido, submergido o herói que se houvesse erguido para lhe resistir ou para a defrontar.

Desencadearam-se forças de acção consideravelmente superiores ás nossas; o seu sangrento triunfo é neste momento irresistível; impõem-se ao mundo terrível e esmagam-no.

E todavia, ninguém pode forçar a nossa razão a ver as coisas senão como ontem as via, a justificar o injusficável, a perdoar o imperdoável, a amar o que sempre odiámos e que mais do que nunca se tornou odioso.

Por isso não compreendemos decididamente os que nos repetem:

—A guerra é um facto! Temos que a aceitar como tal; de nada serve negá-la, nem aliás amaldiçoá-la. No mundo, só os factos se contam, mantendo-se impotentes todas as palavras, por mais belas que sejam.

Pois bem: não. São já demais os nossos que foram forçados a dar a sua adesão material á guerra; e seria uma suprema cobardia, bem como ao mesmo tempo um supremo lógro, juntar a isso a nossa adesão moral.

Estalou o incêndio. Podemos combater as chamas e cair vítimas nesta luta á qual não podíamos subtrair-nos; mas abstenhamo-nos cuidadosamente de nos solidarizar com os incendiários:

LUIS BERTONI

A intentona monárquica

Ainda desta vez não faltou quem começasse a insinuar que os sindicalistas também andavam metidos na coisa! A balela teve, porém, voo curto, tam fracas eram as asas.

Se alguma coisa fizeram os realistas, foi darem força ao governo e dificultarem o protesto baseado em elevados ideais e em supremos interesses proletários.

Apoiando-se, por mera especulação política, numa corrente contrária á participação de Portugal na conflagração europeia e na instintiva repugnância popular contra a guerra, os monárquicos, não só empenharam a oposição natural e sincera, tolhendo-lhe os movimentos, mas jogaram com a boa fé dos simples e ludibriaram as esperanças ingénuas.

São eles porventura antimilitaristas e antiguerreiros? Não foram eles fiéis cumpridores da aliança anglo-lusa, mesmo contra pequenas repúblicas, como o Transvaal? Não fizeram eles dessa aliança um papão contra os republicanos? Agora voltou-se o feitiço contra os feitiçeiros; havemos de concordar que é muito bem feito.

E com que direito veem militares profissionais protestar contra uma guerra e uma ordem de marcha? Escolheram esse officio como

financeiros, reis, governantes, padres exploradores e opressores de todas as castas.

Hoje, mais do que nunca, nós, que queríamos um mundo de justiça e de paz, devemos acentuar a nossa separação dos autores de tantas infâmias e chacinhas. O ódio não deve cavar o seu leito entre povo e povo, mas entre todos os povos e os seus dirigentes todos.

O burguês cínico moteja;

—Desapareceram as divisões de classes; restam apenas as divisões de nações e de raças.

Tendo-se as vítimas reconciliado com os seus algozes em cada país beligerante, triunfa a política, ou por outra, o interesse dos privilegiados, e é de novo recalcada por muito tempo a revolução, único modo que tem de se afirmar o interesse dos deserdados.

Pode certamente succeder de outro modo; mas como não se compreende que para isso devemos deixar a todos os amos e detentores as suas rixas pela dominação mundial, preparando-nos para afirmar o direito universal ao bem-estar e á liberdade? Sob as várias bandeiras dos Estados burgueses, todos os povos só podem ficar vencidos: vencerão unicamente sob a bandeira da Internacional. Tenhamos esta verdade sempre presente, sobretudo na abominável crise de loucura mortífera que atravessamos, pois ela nos indica igualmente a única via pela qual podemos esperar sair dessa crise.

uma pacífica burocracia? Ousam rebelar-se contra a disciplina forçada e passiva, base da sua instituição, hoje que ela não impõe duros deveres só aos pobres soldados rasos?

Quanto aos reservistas que se deixaram embar, bem logrados seriam. Como estão as coisas, uma monarquia restaurada teria que manter a aliança e os compromissos assumidos, ou provocaria uma guerra, franca ou latente, ainda mais próxima, directa e geral para o país do que nos campos de França.

Os discipulos saem ao mestre

L'Iniziativa, órgão do partido republicano italiano, escreve o seguinte:

Numa longa carta escrita em junho de 1859 a Marx, Lassalle esforça-se de todos os modos por o desviar do caminho por onde ele enveredou (a defesa da guerra); para apaixonar as classes operárias e os grupos democráticos pela guerra, fazendo vibrar a corda nacional, chegam e sobram os jornais alemães. «Tam útil seria para o nosso desenvolvimento revolucionario uma guerra contra a França feita pelo governo contra a vontade do povo, quam perigosa seria uma guerra apoiada por uma popularidade exagerada. Marx inabalável, responde-lhe desdenhosamente. Lassalle, encarando a questão sob outro aspecto, trata de o persuadir, de que de nada serve insistir em favor da guerra, que se há de fazer da

mesma maneira. O voto do partido democrático nenhum peso teria para decidir a guerra, ao pa-so que poderia contribuir muito para a tornar impopular e favorecer assim a possibilidade duma revolução no interior.

A 13 de maio, Marx escreve a Engels: «A brochura de Lassalle é um erro enorme. A publicação da tua brochura (a qual preconizava a aliança austro-alemã) tirou-lhe o sono todo. A posição do partido revolucionario na Alemanha é sem dúvida difficilissima neste momento; torna-se contudo clara, se quemer dar-se ao cuidado de examinar um pouco as circunstancias. No que se refere aos governos, deve ser-lhes imposto por todos os meios especialmente no interesse da própria existência da Alemanha, que não se conservem neutros, mas que sejam, como bem dizes, patriotas. Para dar á coisa a cor revolucionaria, basta acentuar mais a opposição á Rússia do que a Boustropas (Napoleão III).

Marx, examinando em seguida a posição dos diferentes grupos políticos alemães, fala dos «democratas vulgares—esses animais que se esquecem de que hoje uma revolução na Alemanha (desorganização do exército) não seria proveitosa para os revolucionarios, mas sim para a Rússia e para Boustropas».

Os pseudo-socialistas alemães, que se alaram ao Kaiser e cobriram a sua defeccão com a «cor revolucionaria» da luta contra o tsarismo, teem a quem sair.

Marx, muito realista, certamente, muito obediente aos «factos», dava á guerra e ao esmagamento da França imperial grande importância... revolucionaria. Viu-se o resultado.

PROMESSAS A RETER

Os ministros ingleses, Asquith, Churchill, Kitchener, teem repetidamente declarado, para promover o alistamento dos mancebos, ganhar o apoio do país e conquistar as simpatias dos europeus, que o esmagamento do militarismo prussiano tem por escopo estabelecer emfim uma era de desarmamento e de paz. O que esses governantes pretendem, proclamam eles, é o fim das guerras!

Nós queremos o mesmo, e como nós todas as populações laboriosas da França, da Alemanha, da Rússia, da Austria, da Sèrvia e de todo o mundo. Para isso, cuidávamos nós que era preciso preparar a paz, não fabricando engenhos de morte, mas por meio de instituições de trabalho, grupos de produtores, associações artisticas, de educação, de sciencia, de solidariedade, etc.

Os governantes, que percebem o horror causado pela sua obra de paz armada, cujas conseqüências são as atrozes hecatombes actuais, sentem necessidade de legitimar esse terrível militarismo, fazendo brilhar aos nossos olhos quadros de paz verdadeira graças á diminuição do próprio militarismo. Sem dar grande crédito ás suas palavras, registemo-las desde já, agitemos a questão em volta de nós, habituemos o publico a esta idea, para oportunamente exigir o cumprimento da promessa. Se não, palavras, leva-as o vento. Temos que velar pela semente.

Que ao menos os horribéis morticínios, tendo feito sentir o efeito desastroso da obra dos governantes, façam chamar a todos: «Agora basta; acabemos com o jôgo perigoso da paz armada, trabalhemos para a civilização e não para a organização do assassinato; dispersemos o militarismo». Afaçamo-nos a essa idea incessantemente; e que os grandes deste mundo, forçados a prometer a sua realização, sejam tomados á letra, chamados á ordem, importunados até que se rendam. E o nosso programa será mais do que nunca: Nem mais um homem, nem mais um centavo para o militarismo!

J. WINTSCH

A loucura guerreira

Um italiano, um suave latino, escreveu há dias estas palavras:

Chegou finalmente o dia da ira após os longos crepúsculos do medo. Paga-se finalmente o dízimo das almas para limpeza da Terra.

Era preciso enfim um quente banho de sangue negro, após tanta umidade e tepidez de leite materno e de lágrimas fraternas. Era necessária uma bela rega de sangue para a seca de agosto, um rubro transvazamento de mosto para as vindimas de setembro.

.. Somos demais. A guerra é uma operação malusiana. A guerra abre vazios para que se respire melhor.

Entre tantos milhares de cadáveres abraçados na morte e diferentes agora só na cor da roupa, quantos haverá, já não digo mercedores de pranto, mas dignos de recordação? Apontaria a osbeça que não chegam aos dedos das mãos e dos pés juntos. E essa perda, ainda que não fosse um ganho para a memória, seria mil vezes compensada pelas centenas de milhares de antipáticos, poltrões, malandros, idiotas, odiosos exploradores; inúteis, estúpidos e desgraçados que se safaram do mundo duma maneira rápida, nobre, heróica e talvez vantajosa para os que ficam.

Não nos venh m cá lançar em rosto, em guisa de peroração, as lágrimas das mães. Para que podem servir as mães, depois de certa idade, senão para chorar?

.. A guerra, enfim, faz bem á agricultura e ao modernismo. Os campos de batalha rendem por muitos anos muito mais do que antes, sem necessidade de outro adubo. Que belas couves hão de os franceses comer nos lugares onde se amontoaram os soldados alemães e que grandes batatas se hão de arrancar na Galícia no ano que vem!

As feras e os doidos, em tempo de guerra, andam á solta, mesmo fora dos campos de batalha.

Verdade seja que o bruto que escreveu as palavras acima traduzida difere apenas em franqueza e brutalidade de muitos que pensam da mesma forma.

A GUERRA

Porque, enfim, força é confessar que há outros serviços mais dignos, ou tão dignos como esse (o do soldado) de respeito e de prémio.

A guerra já não é hoje, como antigamente, um direito sagrado e uma missão veneravel.

Agora, os que menos a condemnaram, estão obrigados, para defende-la, a dar-lhe o nome de «mal-necessario!» Como se houvesse, como se pudesse haver males necessarios!... Mas isso não é mais que um eufemismo delicado; porque a grande verdade é que, no estado actual da civilização, a guerra é um crime, uma monstruosidade sem nome, uma abominável loucura.

Matar por interesse de egoismo ou matar por interesse de patriotismo, é, em qualquer caso, matar. Ha sacrificios mais obscuros e mais nobres. O sacrificio recente do dr. Garnaul, de Paris, que se inocula a si mesmo o virus da tuberculose para ver até que ponto se pôde esperar o descobrimento de um soro-anti-tuberculoso, é muito mais admiravel que o sacrificio de um soldado, que quasi sempre vai bater-se sem saber porque, arrastado pela onda do entusiasmo contagioso e colectivo.

E que se deve dizer do nobre heroismo de Mateuci, director do observatorio do Vesuvio, que se deixou estar no seu posto de honra, sem temer o perigo, afrontando em cada instante a morte para não perder um momento de observação, para estudar tranquilamente a dois passos do espantoso desastre todas as fases da tremenda erupção?

A valentia desses homens, que oferecem á sua vida em bem da sciencia tratando de ajudar com heroismo a dupla, eterna, nobilissima ambição humana de saber e praticar o bem, é uma valentia obscura e modesta.

Nenhum grande poeta ha de cantá-la como Homero cantou a de Aquiles, ou Hugo a de Napoleão; mas no meio da sua obscuridade e modestia, essa valentia é incomparavelmente muito mais bela que a dos guerreiros que quando são chefes quasi sempre não fazem mais que servir os interesses da propria ambição, e quando são soldados batalham quasi sempre por simples disciplina, sem uma noção exacta do ideal a que sacrificam a sua vida.

Olavo Bilac.

Centro Instrutivo de Propaganda Libertaria-Porto

Convidam-se todos os socios deste Centro a comparecer na nova sede, hoje, ás 10 horas sita á Rua Formosa 242-2.º, para tratar de assuntos que, pelo seu caracter, exigem a sua companhia.

Nouvelle adresse de 'A Aurora'

Nous avertissons tous les camaradas de l'extérieure, les journaux ouvriers et anarchistes, les groupes libertaires, les syndicats, les centres de propagande, etc., que la redaction et administration de A Aurora, et la Biblioteca A Vida, ont changé pour la Rua Formosa, 242-2.º andar, Porto, Portugal.

Novo endereço de «A Aurora»

Participamos a todos os nossos camaradas, jornais, grupos libertarios, sindicatos operarios, centros de propaganda, etc, que a redacção e administração de A Aurora e a Biblioteca A Vida, mudaram para a rua Formosa 242-2.º andar.

AOs CAMARADAS

O grupo de propaganda Libertaria, dando cumprimento ás resoluções tomadas na reunião de domingo passado, efectuada a convite da F. A., convida todos os camaradas, agrupados ou não, a comparecerem, hoje, pelas 9 horas, na redacção de A Aurora, rua Formosa 242-2.º andar, afim de assistirem a uma palestra sobre a guerra europea.

CONFERENCIA

Realiza na proxima terça-feira pelas 8 horas da noite, na sede do Centro Instrutivo de Propaganda Libertaria, sito á Rua Formosa 242-3.º, o nosso camarada Serafim Lucena que dissertará sobre a Conflagração Europeia. Convidam-se todos os socios do Centro e demais camaradas.